Terceira Margem

Programa de Pós-graduação em Ciência da Literatura
Faculdade de Letras • UFRJ

DOSSIÊ

Dossiê Encantamento e desencantamento na literatura:

o sagrado e seus anseios — Apresentação

Dossier: Enchantment and Disenchantment in Literature: the Sacred and Its Longings - Presentation

https://doi.org/10.55702/3m.v30i60.73416

Cleide Oliveira*
Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Curvelo, MG, Brasil

Eduardo Guerreiro B. Losso**
Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Letícia Tury Guimarães Nascimento***
Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Lucas Bento Pugliesi****
Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ, Brasil

O dossiê "Encantamento, desencantamento e reencantamento: o sagrado e seus anseios" encapsula a atuação de dois coletivos, o grupo de pesquisa CNPq "Apophatiké", interessado em expandir estudos interdisciplinares em mística, e o GT da Anpoll Literatura e Sagrado. Em ambas as frentes, os pesquisadores têm se ocupado de pensar, a partir do clássico diagnóstico weberiano acerca do progressivo desencantamento da modernidade europeia, as maneiras pelas quais a literatura tensiona, seja reforçando, seja refratando, as linhas do discurso da racionalidade moderna. Aspecto bem descrito pelo texto de **Eduardo Guerreiro B. Losso**, homônimo ao título do dossiê, no qual empreende a análise dos conceitos *encantamento*, *desencantamento* e *reencantamento*, evidenciando os vínculos relacionados à magia, ao canto e à música que os une, para então fazer a aproximação com a leitura de Max Weber do termo *desencantamento do mundo*. Conforme a visão weberiana, esse "desencantamento" teria promovido uma espécie de desmagificação da

CC BY

religião que culminou na emergência e ascensão do racionalismo ocidental, do qual se originou o "espírito" do capitalismo moderno. Destacando distintas perspectivas críticas em relação a esse processo de desencantamento (perspectivas antropológicas, feministas, decoloniais e até mesmo a do movimento romântico), o texto insiste na necessidade de afirmar um novo tipo de saber encantado contra o paradigma racionalista do desencantamento científico e da sociedade tecnocrática, esse que exclui outras visões de mundo subalternas; um reencantamento que responda também pela urgente questão do sentido da existência humana.

Entendida modernamente, a "literatura" aparece em um mundo em que a palavra entoada já não é mais privilégio litúrgico. Ao mesmo tempo, ao buscar formas de racionalidade *outras*, ao escavar um certo estilo, maneiras de dizer, que não necessariamente se afinam aos modelos do pensamento instrumental, a literatura, no mais das vezes, foi lida como potência da negatividade — outra forma, talvez, mais radical de desencantamento — ou como potência poética criadora de mundos. Nesse horizonte, os artigos congregados pelo dossiê dão a ver as muitas faces contraditórias da fecundidade do campo que congrega literatura e sagrado, mapeando seus pontos de tensão e complementariedade.

Nesse sentido, alguns dos artigos exploram, a partir da obra particular de autores como Alberto Pucheu, Milton Nascimento, Roberto Piva, Valter Hugo Mãe, Mallarmé e Leonor Carrington, as maneiras pelas quais a literatura pode renovar essa força encantatória sem perder seu rastro crítico às tradições herdadas do universo do sagrado.

A partir da hipótese wisnikiana da canção brasileira como uma "rede de recados", **Rafael Julião** pensa, em "As terceiras margens do rio: Rosa, Nascimento, Veloso" a relação entre as margens dos rios do conto de Guimarães Rosa e da canção composta por Milton Nascimento e Caetano Veloso. O texto retoma a tradição crítica sobre "A terceira margem do Rio" e *Grande Sertão: Veredas,* de Guimarães Rosa, articulando a desestabilização de binarismos a partir da imagem de um pai que se ausenta para se fixar em um espaço liminar. Julião observa a relação entre os rios e a organização (e desorganização) da vida na paisagem sertaneja do Brasil, o que se cristaliza pelo célebre aforisma dual de Riobaldo "o São Francisco partiu minha vida em duas partes" (Rosa, 2006, p. 260). A partir desse movimento, o ensaio volta-se à representação de Rosa em *Txai* (1990), de Milton Nascimento, onde se gravou a canção "A terceira margem do rio", propondo uma leitura cerrada. Com base na observação da relação de imitação entre a canção-canoa e o gesto misterioso do pai que se ausenta, Julião propõe uma terceira margem da leitura cancional de Rosa que não visa desatar o nó, decidir-se por uma das margens que a crítica costuma projetar sobre a obra; ele reabilita o feliz achado de Luiz Costa Lima, cuja proposta é ler a obra rosiana a partir de um "realismo cósmico", isto é, do recurso à magia e ao mistério para fecundar a vida com uma racionalidade outra, que a qualifica para além da razão instrumental. Nesse sentido, o *cantar* rosiano de Milton estaria mais próximo da *terceira*

margem de Rosa em seu projeto de reencantamento da vida cotidiana. A canção, portanto, entendida no lugar dessa rede de difusões constelares que irradia uma pulsão anímica do gesto poético-mistérico que visa se estabelecer para mais além dos juízos costumeiros. *Terceira margem* que rizomaticamente se aparenta com a "Abertura" do disco *Txai*, onde o xamã Davi Kopenawa anuncia, anos antes da publicação de *A queda do céu*, o fracasso da razão calculista do Ocidente. Uma canção mais afeita ao gesto do pai que se ausenta do que ao gesto temeroso do filho em sua má consciência diante da coragem alheia.

André Monteiro, por outra via, rascunha uma hipótese de *encantamento* moderno na obra crítico-poética de Alberto Pucheu. Remontando fragmentariamente o percurso do pensador, o texto retoma algumas balizas caras à obra de Pucheu, como a indiscernibilidade entre a criação poética e a criação filosófica, e, sobretudo, a apropriação da zona liminar entre o "eu" e o "outro" a partir da noção de "arranjo". O "arranjo" se aproximaria das poéticas não-criativas, como a de Oswald de Andrade e, mais recentemente, a de Kenneth Goldsmith. Nessa captação da fala do outro — vozes ouvidas no trem, na feira, no surf, no e-mail de amigos, em uma carta de assassino — repõe-se, por outro lado, a despersonalização da lírica, flagrada não como o atomismo romântico ou insulamento do poeta moderno, mas "solidão povoada". Encanta-se por essa presença do outro, produzindo uma espécie de "apofatismo" do cotidiano em que se mostra um *inescritível* mais cotidiano do que o cotidiano — e por isso, usualmente, ignorado pela sensibilidade desencantada da modernidade —, de forma a flagrar "O Encantamento pelo *Outro* na Poética e no Pensamento de Alberto Pucheu".

Já "Captando os sinais de Saturno: surrealismo e re-encantamento na poesia de Roberto Piva", de **Daniel Rodas Ramalho** e **Maria Simone Marinho**, faz uma aproximação da obra poética *Estranhos sinais de Saturno* (2023), de Roberto Piva, tanto com a estética surrealista quanto com o xamanismo, influência confessa do autor em diversas de suas entrevistas, nas quais Piva alude ao contato com a espiritualidade afro-indígena desde sua infância. O texto evidencia a construção de uma poética re-encantatória na poesia tardia de Piva, encantamento que toca tanto a *natureza* e o mundo quanto a própria poesia, e tem no xamanismo o norte de provocação poético-espiritual.

Partindo da noção de encantamento e desencantamento, **Suzi Sperber** analisa o romance *O nosso reino,* de Valter Hugo Mãe, para pensar se o livro "desencanta e encanta", apontando para os usos da linguagem; defende que o autor produz uma espécie de encantamento que se dá pela própria materialidade do texto, marcado por um ritmo, funcionando como um canto ou uma reza. Para além dos usos da linguagem, Sperber mostra que a própria narrativa trabalha com a dualidade "encantamento" e "desencantamento", representada pelo mundo da santidade e pelo mundo real. Eles não aparecem como forças opostas, mas como tensões que compõem a experiência humana. A análise se desdobra para uma articulação com Simone Weil, a partir da noção de "vazio" e "esvaziamento";

com Paul Ricoeur, acerca do problema do mal; e com a noção de alteridade discutida por Edmilson de Almeida Pereira no contexto da cosmologia Bantu/Cabinda. Tais articulações lhe permitem defender a ideia de que o romance encanta e desencanta, como um jogo tenso de forças que atuam na subjetividade das personagens ao mesmo tempo.

Nesse esteio, o artigo "A permanência do mito do Santo Graal: elementos pagãos e cristãos em *A demanda do Santo Graal* e *A corneta*", de **Marcus de Martini** e **Carolina Leonidio Pereira Santan**a, traz uma análise da obra *A corneta*, de Leonor Carrington, no intuito de mostrar elementos pagãos e cristãos que essa obra contemporânea tem em comum com *A demanda do Santo Graal*. A conclusão é a de que os elementos míticos compartilhados por essas obras foram subvertidos e ressignificados, culminando em um processo de reencantamento. A permanência do mito, na obra de Carrington, implicou uma subversão dos ideais cristãos, quer seja na subversão de seus símbolos, quer seja na recuperação de uma visão cosmológica pagã que propõe o mito da harmonia entre homem e natureza em um mundo não tocado pelo pecado, ou mesmo pela presença de um cotidiano surreal vivenciado de forma espontânea e natural.

Na abordagem teórica de "Poesia, política, religião", de **Maurício Chamarelli Gutierrez,** o Mallarmé que emerge parece surgir como a *arché,* o princípio do pensamento estético e político de Rancière. O movimento do texto é o de ler *A política da sereia*, livro de Rancière dedicado ao poeta de *Igitur*, fazendo-o retroceder a uma referência pouco usual: *A religião de Mallarmé*, obra seminal de B. Marchal que propõe recontextualizar o projeto poético do simbolista francês a partir de uma concepção religiosa muito particular. O ensaio então explora um livro pouquíssimo conhecido do autor oitocentista, *Deuses antigos*, tradução-montagem de uma obra do abade Cox, mitólogo divulgador do pensamento de Max Müller — também pouco conhecido. *Deuses antigos*, recriando e subvertendo até certo ponto o texto base de Cox, se pauta na ideia inusitada, extraída de Max Müller, de que a linguagem mitopoética dos antigos nada mais seria do que a tentativa de expressão "literal" de juízos acerca da natureza. A mitologia teria que ver, então, com o esquecimento dessa literalidade pragmática primeira que envolveria em mistério metafísico concepções absolutamente prosaicas. Ultrapassando o interesse positivista dos dois mitólogos, Cox e Max Müller, de restituir o mito à pragmática de seu uso, torna-se possível pensar em uma potência "fóssil" da palavra: a palavra como abertura para zonas de ressonâncias do não-pensado — fundamental, como restitui Gutierrez, para levantar outra hipótese — e de ressurgimento da impessoalidade na poesia: impessoalidade não calcada no vetor construtivo do labor oficioso, mas relativa ao "inconsciente" da palavra, da abertura dela para dizer por meio do esquecimento de sua origem. É aí que o artigo faz girar o parafuso: Rancière encontraria em Mallarmé, por esse potencial não de criar novos mitos, mas imagens evanescentes impassíveis a uma restituição etimológica, sua ideia mesma de fabulação, patrimônio *comum* à invenção humana, situada no interstício de descolamento das

palavras de seu fundamento. A fabulação encontraria seu pivô na evanescente linguagem religiosa de Mallarmé, que enxerga força ali onde os mitólogos leram falta.

Realizando o percurso inverso, do literário ao sagrado, um segundo bloco de textos se concentra em se apropriar de métodos caros aos estudos literários para flagrar elementos de uma fala pragmaticamente envolta em contextos de sacralidade.

Eduardo Gross visita o uso de referências das letras greco-latinas na obra teológica mais importante do reformador protestante Filipe Melanchthon. Como aponta Gross, fugindo à regra do literalismo bíblico protestante que preconizava como única leitura virtuosa o Texto, Melanchthon parece fazer concessões, enquanto *exempla* morais — de virtudes e vícios —, a autoridades pagãs. A erudição humanística de Melanchthon convoca, idealmente, um leitor culto afim à sensibilidade cortesã de seu tempo, evadindo o estilo escolástico e neoescolástico calcado na argumentação lógica, pouco afeita a usos mais agudos da retórica. Apesar de Melanchthon apoiar-se frequentemente no quiasma entre personagens clássicos e bíblicos, elegendo os primeiros como modelo de vício e os demais como de virtudes, Gross salienta como, por vezes, o movimento se sustenta em outro esteio. Um exemplo é a referência (positiva) à *Eneida* para evidenciar como as calamidades não seriam frutos da natureza ou do acaso, mas da ação divina, apoiando-se na representação do poeta latino para evidenciar, conforme a teologia protestante, o equívoco em se buscar "um consolo a partir da própria razão ou da filosofia". Outro uso curioso diz respeito à representação de Orestes, cuja resignação humilhada é lida pelo teólogo protestante como "herança recebida dos patriarcas bíblicos", em vias de conectar, pela nascente filologia, uma hipótese histórica que, em certo sentido, singularizaria virtudes cristãs herdadas por figuras pagãs. Nesse sentido, como o texto permite entrever, o Melanchthon dos *Loci* aparece como erudito que visa arrebatar o coração de leitores apreciadores dessa erudição, evidenciando usos do passado clássico análogos — guardadas as devidas diferenças teológicas — aos de autores católicos do mesmo período, bem como aos de humanistas menos identificados com as Reformas, como Justo Lípsio. A análise detida e clara sobre o uso das autoridades greco-latinas por Melanchthon afina-se, então, com os estudos mais recentes sobre a história cultural do período, que têm insistido nesse substrato comum, retórico e poético, que subjaz à *forma mentis* dos letrados do século XVI — como evidenciam os trabalhos de John O'Malley e Robert Maryks, por exemplo, além das referências trazidas pelo próprio artigo (Bernd Effe, Heinz Hoffmann e outros).

O artigo de **Letícia Tury**, "Apofatismo e Representação: o espelho sem imagem de Marguerite Porete", revisita alguns passos da conceituação da "teologia apofática", isto é, a compreensão de que Deus seria incognoscível para a consciência humana, dadas as suas limitações; perpassa a diferença de pensamento entre a patrística (Justiniano, Gregório de Nissa e Agostinho), a figura divisiva de Pseudo-Dionísio Areopagita e as soluções oferecidas à questão pela teologia sistemática de Tomás de Aquino. Esse esforço culmina no

ajuizamento de Pierre Hadot da filosofia de Wittgenstein, que parece conceber apofaticamente os limites da representação, entendendo a linguagem como o limite último da epistemologia e vedando o acesso ao que não é representável por meio dela. Essa intricada teia apofática é construída para refletir sobre *O espelho das almas simples*, obra do século XIII de autoria da beguina Marguerite Porete. Reconstituindo discursivamente a teologia de Porete — a qual se apresenta por meio de um complexo diálogo que sacraliza o amor cortesão e o gênero dos "espelhos de príncipe" —, a intérprete propõe uma espécie de espelho baço. Nele, a imagem moral que se oferece não é um retrato positivo das virtudes, isto é, um *éthos* ideal a ser imitado pelo leitor-asceta. Ao contrário, trata-se de uma imagem esvaziada, aniquilada. Desse modo, a leitura da obra parece *mostrar* — no sentido de Wittgenstein — um processo progressivo de autoesvaziamento anímico que, pela forma dialógica do texto, encenaria a impossibilidade de dizer mais do que *ela própria diria* em termos discursivos de uma teologia positiva. O texto de Porete, então, é entendido como uma obra de representação — como um diálogo mimético com personagens e como o embrião de um enredo; contudo, ela constantemente se autoesfacela — o que se evidencia por meio de recursos explorados pelo texto. Por meio dessa aniquilação se operaria a própria teologia poretina, que parece intentar realizar uma fissura na linguagem e na representação para mais além das condições da teologia de seu tempo.

No artigo "O ser-no-mundo e o chamado contemplativo: monges, contemplação e sentido", os autores **Leonardo Almeida**, **Rogeria Bernardes** e **Adriano Holanda** propõem um encontro entre as noções de sacralidade, de espiritualidade monástica e de atitude de abertura do ser-no-mundo, guiado pela questão: "o que significa manter a disposição contemplativa na atualidade?" Os autores observam um aumento de interesse pelas práticas meditativas no cenário atual, geralmente associadas à espiritualidade oriental. Apontam que tais práticas também podem ser encontradas na tradição cristã como um ato de abertura ao desconhecido, como uma atitude de entrega, transformando o monge naquele "que permanece no vazio". As descrições e contextualizações dos cenários monásticos se fundamentam principalmente em textos de Thomas Merton, Mircea Eliade e Paul Veyne. Os autores mostram que o monge cristão se retira do mundo para iniciar uma jornada espiritual solitária em busca de Deus, quando a contemplação se torna um modo de ser. Nessa perspectiva, o artigo busca investigar o monaquismo cristão a partir dos elementos que constituem essa forma de vida; mostra como esse modo de ser se articula com o ser-no-mundo, ou seja, com uma existência que integra a relação consigo mesmo e a relação com o social e com os outros. Sob esse viés, a investigação e a contextualização da subjetividade monástica poderão contribuir para interrogar a presença da vida contemplativa nas sociedades contemporâneas. Para compreender e analisar tais articulações, os autores mobilizam *O desaparecimento dos rituais*, de Byung-Chul Han, buscando compreender como os rituais, as tradições e as práticas sustentam uma subjetividade monás-

tica. Os autores terminam por defender que a vida monástica possui um ritmo temporal próprio, oposto à lógica da sociedade atual, a da atividade e da produtividade. No mosteiro, a vida não visa a uma funcionalidade, ela é um fim em si mesmo. Nesse sentido, a vida contemplativa pode oferecer uma outra relação com os afazeres, exigindo um outro modo de ser-no-mundo.

O universo da subjetividade monástica é examinado também pelo artigo "Ronda noturna: o Deus misterioso e providencial no diário de Thomas Merton", de autoria de **Marcelo Timotheo**. O texto busca analisar um dos registros feitos nos diários de Merton, intitulado *Vigília contra incêndio*. O registro, datado de 5 de julho de 1952, narra uma noite dele como vigilante noturno na Abadia de Nossa Senhora do Gethsemani, associada à sua trajetória religiosa e à natureza misteriosa do Deus cristão. Após apresentar uma breve biografia de Thomas Merton, o autor discute o papel da escrita como um exercício ascético, após a conversão religiosa, que garante uma espécie de esquadrinhamento, vasculhamento interior, um processo de autorrevisão constante; defende a ideia de que a escrita íntima de Merton não apenas registra sua trajetória, mas também possibilita sua transformação. A anotação do dia 05 de julho narra a vigília de Merton, descrevendo seus deslocamentos físicos pela Abadia e suas reflexões metafísicas. Ao analisar o registro de Merton, Marcelo Timotheo o interpreta como uma alusão à impenetrabilidade divina. A noite e o abismo eternos se associam, permitindo o contato transcendental por meio de um exame de consciência. Timotheo defende que, enquanto vigiava a Abadia, Merton também opera uma transformação sobre si mesmo por meio de sua espiritualidade contemplativa. Esta o teria colocado em contato com a consciência da presença silenciosa de Deus — um evento de caráter místico.

Em "Uma hipótese de leitura do texto litúrgico do Santo Daime através da noção de formação cultural e compromisso", **Henrique Lee** e **Waldenis Trindade** fundamentam suas análises em Carlo Ginzburg e Sigmund Freud, buscando analisar a liturgia do Santo Daime — movimento religioso originado na floresta brasileira. Os autores mostram o percurso das tradições culturais do uso da ayahuasca, substância enteógena utilizada pelo movimento, desde as práticas indígenas até a institucionalização de religiões que utilizam a substância, apontando os sincretismos desses rituais com o catolicismo. Tais relações sincréticas tornam possível observar os rituais com a ayahuasca também enquanto práticas de tradições culturais que colocam em contato os saberes indígenas com o mundo do homem branco. Para além das relações sincréticas, as duas principais religiões ayahuasqueiras do Brasil (União Vegetal e Santo Daime) surgem durante o ciclo da borracha, que fez com que homens do nordeste brasileiro migrassem para a Floresta Amazônica com o objetivo de trabalhar nos seringais; isso fez com que a fundação dessas religiões também fosse marcada por determinações sociais e biográficas. A defesa de uma formação cultural se dá a partir de um diálogo com Ronaldo Vainfas, que discute a conjunção entre poder

político e poder religioso a partir de um estudo do cenário colonial, analisando a relação de alteridades conflitantes. Encerrando o artigo, os autores discutem os hinos cantados em rituais do Santo Daime, apontando para os aspectos sincréticos e culturais do movimento religioso.

Por fim, um último bloco de textos propõe pensar a intersecção entre política e sagrado na obra de dois filósofos.

O artigo "*A simbólica do mal* de Paul Ricoeur: um mal maior que o sagrado?", de **Cristina Henrique da Costa**, analisa o livro *A simbólica do mal,* de Paul Ricoeur, no sentido de compreender a tese do autor em torno do fenômeno do mal. Na primeira parte do artigo a autora discute o conto *Perdoando Deus*, de Clarice Lispector, para pensá-lo junto à questão do mal em Ricoeur. No conto, a personagem de Clarice anda despreocupada pelas ruas de Copacabana, em estado de leveza e felicidade, até esbarrar com uma ratazana morta, que evoca imediatamente uma sensação de pânico; isso faz com que ela fuja apavorada, interpelando Deus, sem obter respostas. A figura da ratazana morta traz à tona a noção de "coisa" presente tanto nos textos de Clarice como no pensamento de Heidegger. As análises feitas a partir de Ricoeur situam o rato morto entre uma manifestação do sagrado e do ente coisificado, compreendido como um símbolo. A segunda parte do artigo se destina a discutir a simbólica do mal e o lugar do sagrado em Paul Ricoeur, buscando apresentar sua posição frente ao quadro geral da tradição filosófica. Além disso, a autora diferencia a noção de alegoria da noção de símbolo, para compreender a interpretação do fenômeno do mal não como alegoria, mas como símbolo — qualificando, portanto, a linguagem do mal como simbólica. Na terceira parte do artigo, a autora discute a leitura que Ricoeur faz de Mircea Eliade acerca do sagrado, em diálogo com a noção grega de *mythos*. A última parte do texto se destina a refletir sobre a simbólica da dimensão ética na compreensão do mal. Tais análises demonstram que o mal passa da esfera do sagrado para o plano ético como forma de interiorização da responsabilidade pela existência do mal. Tal passagem seria ilustrada pelo conto de Clarice.

No artigo "A língua cindida de Abraão: linguagem e unidade na teologia política do jovem Hegel", **Fabiano Lemo**s se debruça sobre os escritos do período de Frankfurt do jovem Hegel, buscando analisar sua teologia política a partir de uma leitura anti-hegemônica. Em proposta engenhosa, o autor retoma escritos da juventude, em especial *O espírito do cristianismo e seu destino*, para acusar um elemento "judaico" não-dialetizável ou, ao menos, não-dialetizado no pensamento hegeliano. Para Fabiano, em dissensão com a tradição de comentadores, a teologia política cristianizada de Hegel determina como *telos* a comunidade. Consequentemente, o judaísmo — entendido como "religião da separação" — estaria fadado a ser superado por um todo mais racional, na medida em que seria tomado como um momento de "substituição da unidade familiar" por uma variedade de "classes". Esse elemento se integra à crítica da linguagem, em um babelismo que só poderia

se "exorcizar" com a imposição de uma nova língua comum. Se a *unidade* é o ponto de retorno, não parece haver possibilidade para se pensar uma diáspora permanente.

Nesse sentido, se Lemos reconhece que o negativo não engendra uma totalidade "imóvel", ele redunda em uma "gramática generativa espiritual" — na qual todas as possibilidades se enredam em uma estrutura sintática determinativa. Em sua crítica contundente e rigorosa, o artigo ao mesmo tempo revê a discussão entre linguagem e negatividade no pensamento hegeliano e os sentidos de sua preferência pela encarnação na beleza "grega" autorreconciliada — em oposição à arte egípcia, judaica e chinesa, conforme as *Lições de Estética*.

A multiplicidade de temas, objetos e abordagens evidencia a fecundidade das discussões ao redor das pulsações do sagrado em meio aos discursos desencantados.

* **Cleide Oliveira** é doutora em Estudos de Literatura (PUC-Rio) e em Ciência da religião (UFJF). Professora de língua e literatura brasileira no CEFET-MG.

E-mail: cleideoliva@cefetmg.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-3586-332X

** **Eduardo Guerreiro Brito Losso** é professor titular de Teoria Literária do Departamento de Ciência da Literatura da UFRJ; membro permanente e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da UFRJ. Bolsista PQ1 do CNPq. Atua principalmente nos seguintes temas: indústria cultural, experiência estética, experiência mística, arte de viver, crítica social, sublime, ironia, secularização, êxtase, negatividade e simbolismo.

E-mail: eduardoguerreiro741@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-5050-0957

*** **Letícia Tury Guimarães Nascimento** é doutora em Ética e Filosofia Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bacharel e Licenciada em Filosofia pela UERJ. Os temas de interesse versam sobre Confissão, Testemunho, Mística e Identidade. O atual tema de pesquisa tem como autores centrais Michel Foucault, Marguerite Porete e Luce Irigaray, visando compreender as possíveis leituras acerca da subjetividade. Atualmente é professora substituta da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

E-mail: leticiatury@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-6180-7639

**** **Lucas Bento Pugliesi** é doutor em Teoria Literária pela UFRJ, pós-doutorando com Bolsa Faperj Nota 10 (UFRJ). Estuda história da leitura no Brasil Colonial. Interessa-se por História do Livro e da Leitura, História Cultural, Poética e Retórica.

E-mail: lbentopugliesi@letras.ufrj.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-7928-9745